


AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO POSTULADA POR MERLEAU-PONTY PARA A PSICOLOGIA: PERSPECTIVAS ANALÍTICAS PARA A LITERATURA E O CINEMA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-301>

Data de submissão: 20/04/2025

Data de publicação: 20/05/2025

Alline Cristine Singh Crespo

Débora Matos Alauk

João Vitor Parente

Vitória Pereira Batista dos Santos

RESUMO

Este artigo tem por objetivo verificar as contribuições do pensamento de Merleau-Ponty (1983, 1999) e a importância da fenomenologia da percepção como subsídio no entendimento do conto da Literatura infantil e infanto-juvenil intitulado “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” (2020), escrito por Glenn Ringtved, traduzido por Caetano W. Galindo e com a refilmagem do filme “Suspiria” (2018) dirigido por Dario Argento com a finalidade de perceber as relações existentes entre a literatura, cinema e a psicologia conforme a abordagem fenomenológica proposta por Merleau-Ponty. Para tanto, o problema de pesquisa estabelecido é: Quais são as contribuições da fenomenologia da percepção por meio de uma perspectiva merleau-pontiana para a psicologia? Nessa direção, esta pesquisa se justifica pela necessidade de analisar e investigar a relevância do pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty para os pressupostos teóricos e práticos da psicologia e sua relação com literatura e cinema. O referencial teórico adotado fundamenta-se na psicologia, com ênfase na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1983-1999) e suas influências nos campos da psicologia, arte, literatura e cinema. Além disso, os estudos de Cremasco (2009) evidenciam os elementos fenomenológicos propostos por Merleau-Ponty aplicados à psicologia; Santos (2014) destaca a importância da subjetividade e da intersubjetividade nessa abordagem fenomenológica. Por fim, Telles e Moreira (2014) discutem a relevância da fenomenologia merleau-pontiana na psicopatologia cultural. Os resultados obtidos revelam que uma abordagem fenomenológica é capaz de compreender a relação entre o eu ao mundo, considerando o corpo, o movimento e a arte.

Palavras-chave: Fenomenologia da percepção. Merleau-Ponty. Psicologia. Literatura e cinema.

O psicólogo, que sempre pensa a consciência no mundo, coloca a semelhança e a contigüidade dos estímulos entre as condições objetivas que determinam a constituição de um conjunto. (Maurice Merleau-Ponty)¹

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem por objetivo investigar as contribuições do pensamento de Maurice Merleau-Ponty para a psicologia, além como da influência da fenomenologia da percepção no cinema. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se como pergunta de pesquisa: Quais são as contribuições da fenomenologia da percepção por meio de uma perspectiva merleau-pontiana para a psicologia?

Nesse contexto, esta pesquisa se justifica pela necessidade de analisar e investigar a relevância do pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty para os pressupostos teóricos e práticos da psicologia, como subsídio para atuação do psicólogo que adere a abordagem fenomenológica.

O eixo-teórico adotado é com base nos preceitos da psicologia considerando os aspectos da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1983-1999) e suas contribuições para o campo da psicologia, arte, literatura e cinema. Ademais, os estudos de Cremasco (2009) estabelece os aspectos fenomenológicos de Merleau-Ponty para a psicologia; Santos (2014) considera a necessidade da subjetividade e intersubjetividade para a psicologia por meio da perspectiva fenomenológica. Por fim, Telles e Moreira (2014) que fazem considerações da fenomenologia Merleau-Ponty para psicopatologia cultural.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, além das considerações iniciais e finais. O primeiro capítulo intitulado “Maurice Merleau-Ponty: Vida e obra” apresenta os aspectos biográficos e contribuições acadêmicas do pensador.

O segundo capítulo “Fenomenologia da percepção: influência do pensamento Merleau-Ponty para a Psicologia”, discorre-se no que se refere as contribuições da fenomenologia do filósofo para psicologia.

O terceiro capítulo ““Pode chorar, coração, mas fique inteiro”: uma análise ensaística à luz da abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty”, estabelece-se uma análise prototípica e ensaística de uma obra infantil por meio da abordagem da fenomenologia da percepção

Por fim, o quarto capítulo “‘Suspíria’ (2018): corpo, percepção e dança por meio da perspectiva de merleau-pontiana”, discorre-se sobre estudos do longa-metragem “Suspíria”(2018), considerando os preceitos teóricos de Merleau-Ponty.

¹ MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. p. 39, 1999.

2 MAURICE MERLEAU-PONTY: VIDA E OBRA²

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi filósofo e psicólogo, nascido em 14 de março de 1908, em Rochefort sur Mer, na França. Faleceu em 3 de maio de 1961, em Paris, vítima de embolia. O pensador teve uma significativa influência no campo da psicologia, principalmente, no que diz a respeito aos estudos da fenomenologia da percepção. Nesse contexto, os seus estudos são basilares para compreender a experiência subjetiva e da relação entre o corpo, mente e mundo

Quanto ao aspecto acadêmico, Merleau-Ponty frequentou em Paris, os Liceus Janson-de-Sailly e Louis-le-Grand, e, em 1926, entrou na École Normale Supérieure para estudar filosofia. Nesse ambiente, o filósofo conheceu Sartre e Simone de Beauvoir. Nessa direção, depois de finalizar a sua graduação em filosofia, lecionou em vários liceus e regresso à École Normal como tutor em 1935.

Uma das primeiras publicações de Merleau-Ponty foi uma resenha sobre a obra de Gabriel Marcel “Ser e Ter” no Jornal Católico “La Vie Intellectuelle”. Considerando os pressupostos metodológicos e teóricos de Marcel, Merleau-Ponty busca configurar no que corresponde que a subjetividade é essencialmente corporal ou encarnada, além disso ele recebeu a noção de filosofia como um saber ‘concreto’.

Merleau-Ponty mesmo sendo influenciado pelos estudos Edmund Husserl, o autor avança a teoria do conhecimento intencional fundamentando sua própria teoria na compreensão do corpo-ao-mundo e consequentemente na proposição de valorizar a percepção levando em conta, posteriormente, em sua tese de doutorado publicado em 1945.

Merleau-Ponty aproximou-se de Sartre em 1941 ao ingressar no grupo de resistência Socialismo e Liberdade, do qual Sartre já havia feito parte. Para Sartre, esse grupo era composto por intelectuais pequeno-burgueses, entusiastas, mas sem grande coerência ou dinamismo. A partir desse momento, os dois filósofos estreitaram a relação tanto no âmbito filosófico quanto no político, tendo como conceitos centrais a fenomenologia e a existência. Apesar dessa proximidade, Merleau-Ponty criticava Sartre, especialmente por rejeitar a evolução histórica da dialética, o que o tornava antimarxista ao analisar o comunismo contemporâneo.

Dentre suas obras mais importantes estão “La Structure du Comportement” (A Estrutura do Comportamento), de 1942, e “Phénoménologie de la Perception” (Fenomenologia da Percepção), publicada em 1945.

A primeira, baseada em sua dissertação de mestrado de 1938, publicada apenas em 1942, tem como objetivo estudar a relação entre a consciência e diferentes formas da natureza — orgânica,

² Disponível em: <https://www.motricidades.org/spqmh/biografias/maurice-merleau-ponty/> <Acesso em 24 de março de 2025>

psicológica e social. Nesta obra, ele critica a metodologia e os fundamentos da psicologia clássica e do behaviorismo, ao mesmo tempo que já introduz referências à fenomenologia, que se tornaria central em seu pensamento. Seu método consistia em analisar o comportamento e demonstrar que este não poderia ser reduzido a meros processos fisiológicos. Assim, já emergem conceitos essenciais do seu pensamento, como ‘forma’, ‘estrutura’, ‘intenção’ e ‘sentido’.

Já “Phenomenologie de la Perception”, sua tese de doutoramento publicada em 1945, é considerada sua obra-prima. Nela, Merleau-Ponty questiona a psicologia clássica, a fisiologia mecanicista e, sobretudo, o cogito cartesiano racionalista.

Merleau-Ponty publicou também as coletâneas “Sens et Non-Sens”, em 1948, e “Signes”, em 1960. Em “Signes”, aproxima-se do estruturalismo do seu amigo Claude Levi-Strauss, e que mais tarde o aproximou também de Ferdinand de Saussure.

Merleau-Ponty morreu repentinamente de embolia a 3 de Maio de 1961, com apenas 53 anos, e no esplendor de sua carreira. Em “Les Temps Modernes”, Sartre escreveu um tributo a Merleau-Ponty. “Merleau-Ponty vivant”.

Quanto à definição de filosofia, Merleau-Ponty identificou um movimento dialético em funções corporais, reintegrou a sexualidade ao ser humano em todas as fases da vida, contribuiu para a psicopatologia cultural e criticou a psicologia da Gestalt e a explicação causal da percepção. Em suma, o autor considera como sua filosofia reflexão humana radical sobre a sua própria situação, portanto, ela revela o ser humano como ser-ao-mundo; a consciência somente é percebida pelo corpo em movimento, pois, somos designados como seres ativos no mundo.

3 FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO: INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO MERLEAU-PONTY PARA A PSICOLOGIA

Neste capítulo, abordam-se os pressupostos teóricos-analíticos da fenomenologia da percepção com base no pensamento de Merleau-Ponty e suas contribuições para a psicologia no que diz respeito a construção de uma psicoterapia com abordagem existencial humanista. Considerando esse aspecto, discorrem-se sobre os estudos de Merleau-Ponty (1983,1999); Cremasco (2009) Santos (2014) e, por fim, Telles e Moreira (2014). Em sua obra “Fenomenologia da percepção”, Merleau-Ponty (1999, p.85) considera que

A ciência e a filosofia foram conduzidas durante séculos pela fé originária da percepção. A percepção abre-se sobre coisas. Isso quer dizer que ela se orienta, como para seu fim, e direção a uma verdade em si em que se encontra a razão de todas as aparências.

Considerando esse pensamento, nota-se a importância da percepção no desenvolvimento do eu em relação ao mundo. Portanto, Maurice Merleau-Ponty argumenta que a percepção não é uma cópia passiva do mundo externo, mas um ato ativo e corporal de compreensão. Desse modo, a experiência perceptiva já contém uma intenção em direção ao real, o que fundamenta tanto o pensamento científico quanto o filosófico. Assim, a "fé originária" na percepção significa que o sujeito confia, de forma primária e espontânea, que aquilo que é percebido possui um fundamento verdadeiro, mesmo que a ciência e a filosofia busquem aprofundar essa compreensão.

Levando em conta o ensaio de Cremasco (2009), Merleau-Ponty, seguindo a fenomenologia proposta por Husserl, buscava compreender a existência humana a partir da experiência vivida, rompendo com a visão reducionista das ciências modernas que tratavam os seres humanos como meros objetos de estudo.

Para a autora (2009), enquanto Husserl reagiu contra a objetivação do homem imposta pelo cientificismo, especialmente na Psicologia, Merleau-Ponty aprofundou a noção de que conhecer o ser humano exige considerar seu mundo e sua relação com ele. Em *Fenomenologia da Percepção*, ele propôs que a consciência fosse colocada diante de sua própria experiência não refletida, ou seja, aquilo que se dá imediatamente na existência.

Levando em conta esses apontamentos, a psicologia fenomenológica descreve o comportamento humano tendo como base a sua relação com o mundo, sem reduzi-lo a simples variáveis mensuráveis. A filosofia de Merleau-Ponty, assim, insere-se no contexto histórico e atribui significado aos fenômenos, aproximando-se do marxismo e do pensamento existencialista de Sartre e Heidegger.

A fenomenologia estuda os fenômenos tal como se apresentam à consciência, ou seja, a forma como um objeto pode ser percebido de diferentes ângulos e perspectivas. Ele se revela à percepção não como algo fixo, mas como uma manifestação dinâmica para o sujeito que o experimenta.

Merleau-Ponty (1999) critica a noção de percepção como algo passivo, refutando a ideia de que percebemos apenas formas predefinidas. A percepção, segundo o pesquisador, ocorre a partir da subjetividade do indivíduo, do seu corpo e da intencionalidade inerente ao ato de perceber. Em *Fenomenologia da Percepção*, sua tese de doutorado, ele supera a abordagem da Gestalt, utilizada em *A Estrutura do Comportamento*, em que havia defendido que o comportamento possui organização e significado, contrariando o behaviorismo de Watson.

Nesse contexto, inicialmente, o pensador empregou a teoria da Gestalt para demonstrar que o comportamento não resulta da mera soma de reflexos, mas sim de reações com sentido. No entanto, com *Fenomenologia da Percepção*, portanto, o filósofo ultrapassa tanto o idealismo de Husserl, que

centrava a fenomenologia na consciência, quanto o naturalismo da Gestalt, que via a percepção como determinada por estruturas fixas.

Em sua obra, Merleau-Ponty (1999) argumenta que nossas escolhas não eliminam nossa liberdade, mas a ancoram na realidade, de modo que o mundo também influencia nossas decisões. Desse modo, a existência é ambígua, pois envolve tanto nascer do mundo quanto nascer no mundo, o que significa que cada indivíduo vivencia sua história de forma única, por meio de sua corporeidade.

A percepção, segundo o filósofo, não se dá de maneira isolada, mas dentro de um campo perceptivo e situacional. Por isso, não enxergamos apenas um olho, mas um olhar; não é visto apenas um rosto corado, mas sentimos a vergonha expressa nele. Isso revela que toda percepção tem uma dimensão existencial e não se reduz a um simples processo mecânico.

A fenomenologia busca revelar a experiência primária da existência, aquela que a criança vivencia antes de ser influenciada pelas racionalizações e convenções do pensamento adulto. Segundo Merleau-Ponty, o mundo vivido pela criança é um mundo imediato, onde não há separação clara entre ela e os outros. Ela não percebe a subjetividade individual de cada pessoa nem se vê como um ser isolado com uma perspectiva única. Segundo Cremasco (2009, p. 54) considera que

A tarefa da fenomenologia é desenterrar o 'solo original' na qual a criança participa e no qual o adulto recobriu com suas racionalizações: devemos voltar ao cogito para ir buscar um logos mais fundamental que o pensamento objetivo, que dá a este último seu direito relativo e ao mesmo tempo o põe em seu lugar. O cogito ao qual o autor se refere é rico da experiência primitiva do mundo e do outro: a percepção de outrem e o mundo subjetivo só são problemas para os adultos. A criança vive num mundo que acredita ser de imediato acessível a todos os que a cercam; ela não tem consciência nenhuma de si própria, nem aliás dos outros, como subjetividades privadas; ela não suspeita que sejamos todos e que ela própria seja limitada a um certo ponto de vista sobre o mundo.

O autor propõe um retorno ao *cogito*, mas não no sentido cartesiano de um pensamento puramente racional e individualista. Em vez disso, trata-se de um *cogito* enriquecido pela experiência do mundo e do outro, uma consciência que emerge da percepção e não apenas da razão. Para os adultos, a relação com os outros e com o mundo se torna problemática, pois a racionalização impõe barreiras e categorias que não existiam na infância. Nesse contexto, cogito fenomenológico de Merleau-Ponty é considerado como uma consciência que surge da vivência corporal e não de um pensamento abstrato.

A fenomenologia, então, tem a função de "desenterrar" esse solo original da experiência humana, revelando um logos mais fundamental que o pensamento objetivo. Ou seja, antes de qualquer racionalização ou explicação científica, há um modo mais primitivo e imediato de estar no mundo, que deve ser redescoberto para compreender a existência em sua essência.

Conforme Santos (2014), quanto à intersubjetividade e a percepção do outro, Merleau-Ponty propõe uma nova abordagem para entender a intersubjetividade, colocando o corpo e a percepção do

outro como centrais nesse processo. Em *Fenomenologia da Percepção*, ele destaca que o “Outro” não é apenas um ponto de chegada, mas também um ponto de partida, refletindo a ambiguidade que permeia sua obra. Isso ocorre porque a percepção é um fenômeno reversível: só podemos perceber à medida que também somos percebidos. Essa relação recíproca é um dos pilares fundamentais de seu pensamento.

Segundo o pesquisador (2014), em relação à Gestalt e a subjetividade, A ideia de Gestalt como estrutura da consciência corporal é essencial para compreender a subjetividade na visão de Merleau-Ponty. Esse conceito está diretamente ligado à experiência perceptiva, que não se limita à relação entre uma consciência e outra, mas ocorre em um mundo onde todos são simultaneamente observadores e observados.

Nesse contexto, a relação entre corpo e alma, Merleau-Ponty (1999) nos mostra que não devemos pensar o corpo e a alma como entidades separadas, como sugerido na tradição cartesiana com a distinção entre *res extensa* e *res cogitans*. Em vez disso, ele propõe uma compreensão fenomenológica da experiência intersubjetiva do corpo próprio, enfatizando a indissociabilidade entre corpo e consciência.

Para o estudioso (2014), as contribuições da perspectiva de merleau-pontiana na atuação do psicólogo ao considerar a subjetividade, assim

O psicólogo ao falar da psique está inevitavelmente falando também de si, e ao falar de si ele utiliza a linguagem do ser; a linguagem do ser não se restringe aos signos matemáticos. Portanto, torna-se ingenuidade a psicologia como ciência acreditar que o fator/lugar psique tal como se diz, uma subjetividade, se limite à aquilo que já fora eleito enquanto signo dentro de uma teoria que têm ânsia de universalizar sentidos. (SANTOS, 2014, p.14-15)

As contribuições de Merleau-Ponty na psicopatologia cultural conforme Telles e Moreira (2014, p.205), compreende-se como psicopatologia cultural uma área “que contempla estudos em psicologia, psiquiatria, antropologia, e demais áreas do saber, que convergem em pesquisas concernentes às relações entre questões culturais e psicopatologia”.

Conforme as pesquisadoras (2014), a fenomenologia desenvolvida por Merleau-Ponty caracteriza-se por sua abordagem ambígua, superando as dicotomias tradicionais como interior e exterior, subjetivismo e objetivismo, natural e cultural (Matthews, 2010). Essa perspectiva é essencial para entender sua concepção de ser humano, especialmente no que diz respeito à interseção entre psicopatologia e cultura.

Dessa forma, a cultura, na fenomenologia de Merleau-Ponty, só pode ser compreendida dentro dessa ambiguidade, pois tudo em nós é simultaneamente natural e cultural. Assim, a experiência vivida não apresenta uma separação clara entre esses dois domínios.

A relação entre ser humano e mundo, segundo Merleau-Ponty, está profundamente vinculada à noção de corpo. O corpo é o meio pelo qual nos situamos, interagimos e nos abrimos ou fechamos ao mundo. É nele que a experiência vivida ocorre e onde a intersecção entre natureza e cultura se manifesta. Portanto, o corpo se configura como um espaço de superação das dualidades, estabelecendo uma relação ambígua com o mundo. Conforme Merleau-Ponty expressa, o corpo pode se fechar ao mundo, mas, ao mesmo tempo, é ele que nos permite estar situados nele, possibilitando novos movimentos de existência e interação, assim como um rio que descongela.

Essa ambiguidade característica da fenomenologia merleau-pontiana faz com que a liberdade não seja uma simples escolha entre opções pré-determinadas, mas um processo que envolve tanto a dimensão interior quanto exterior da existência humana. Logo, o sujeito ao fazer uma escolha no mundo é influenciado por ele.

Nessa direção, essa perspectiva pode ser aplicada não apenas à metodologia de pesquisa, mas também ao processo terapêutico e à permanência de um paciente em um tratamento, independentemente do modelo adotado, seja ele ocidental ou alinhado a práticas culturais específicas. Assim, a escolha não é meramente individual, mas resulta do envolvimento do paciente, do profissional e do contexto cultural em que estão inseridos.

Merleau-Ponty criticava a pretensão de uma ciência totalmente neutra e descontextualizada. Sua principal contribuição fenomenológica está na proposta de um novo olhar e compreensão, destacando a ambiguidade dos fenômenos em vez de oferecer explicações rígidas sobre a psicopatologia. Para além do reconhecimento da complexidade do adoecimento, é fundamental considerar a experiência vivida tanto do paciente quanto do cuidador, seja ele um profissional de saúde, um amigo ou um familiar. Nessa perspectiva, uma relação de ajuda nem sempre se concretiza da forma esperada, podendo ser atravessada por questões morais e sociais que muitas vezes se apresentam de maneira inflexível.

4 “PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO”: UMA ANÁLISE ENSAÍSTICA À LUZ DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DE MERLEAU-PONTY

Neste capítulo, discorre-se uma análise ensaística tendo como base a abordagem existencial fenomenológica de Merleau-Ponty ao enfatizar a relação entre vida e morte, o processo de luto por meio de personificação e humanização da Morte.

Nesse contexto, a obra infantil “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, de Glenn Ringtved, traduzido por Caetano W. Galindo, publicado pela Companhia da Letras. O conto retrata de modo profundo e poético o encontro de quatro crianças que buscam convencer a Morte, que na trama é

personificada, a não levar a sua querida avó. Assim, compreende-se a importância de reconhecer a morte como processo natural da vida.

Considerando os aspectos temático do livro, destacam-se a experiência da morte como parte da existência, pois, no conto, a morte da avó não é vista como um fim absoluto, mas como parte fundamental da experiência humana. Desse modo, Merleau-Ponty (1999) considera a morte como um fenômeno inevitável. Além disso, a postura que as crianças apresentam em relação com a Morte diante aos desafios de lidar com finitude ao tentar atrasá-la, oferecendo café e tentando convencê-la ao contrário.

Nessa direção, a figura da Morte personificada é descrita de forma sensorial por meio de sua respiração ofegante, mãos ossudas assim como avó falecida em que sua presença é evocada pelo vento. Nesse contexto, o corpo como meio de experiência e relação com o mundo, pois para o filósofo (1999) as vivências do ser com o mundo é por meio do corpo não apenas da consciência. Considerando esse aspecto, as crianças conseguem vivenciar a presença da avó no vento, portanto, demonstrando-se essa relação sensorial com ausência.

Quanto a intersubjetividade e o significado da perda, a Morte não é retratada de forma mistificada ou como uma figura maléfica, mas sim como uma figura acolhedora, empática e capaz de compreender a dor, o sofrimento e o luto das crianças. Além disso, a Morte para ensinar para as crianças sobre a finitude da vida, ela conta uma história dos irmãos Sofrimento e Desconsolo e das irmãs Alegria e Risada e por meio dessa narrativa demonstra que os opostos coexistem e dão significados mutuamente.

Em síntese, a literatura por meio da construção de narrativas são fundamentais para a estrutura e a percepção do indivíduo no mundo considerando as suas vivências. Dessa forma, esse conto considerando a abordagem fenomenológica da existência compreender a morte como um ciclo da vida, não apenas um evento isolado e descontextualizado. Logo, a vida e a morte, o sofrimento e a alegria; o desconsolo e a risada coexistem e se complementam, alinhando com a perspectiva da filosofia de Merleau-Ponty ao valorizar a interconexão dos fenômenos e experiência vívida.

5 “SUSPIRIA” (2018): CORPO, PERCEPÇÃO E DANÇA POR MEIO DA PERSPECTIVA DE MERLEAU-PONTIANA

Neste capítulo, estabelece-se sobre a relação entre o cinema e a psicologia por meio dos estudos de Merleau-Ponty (1983) e da análise do filme *Suspiria*, lançado em 2018, é uma refilmagem do clássico italiano gravado em 1977 Dario Argento.

O longa-metragem é dirigido por Luca Guadagnino e retrata a história de uma jovem bailarina americana chamada Susie Bannion que ingressa em uma prestigiada companhia de dança em Berlim. Ao chegar lá, uma das dançarinas desaparece misteriosamente, sendo o ponto de partida para diversos eventos sobrenaturais que envolvem essa instituição, constituindo em seis atos e um epílogo.

Considerando os pressupostos teóricos Merleau-Ponty (1983), ao analisar o filme como algo a ser percebido, aplicam-se os mesmos princípios que regem a percepção em geral. Dessa forma, fica evidente que essa abordagem permite compreender melhor a essência e o significado do cinema. Além disso, a nova psicologia leva diretamente às reflexões dos principais teóricos e estudiosos do cinema.

Para o autor (1983), tanto a nova psicologia quanto as filosofias contemporâneas compartilham a ideia de que a consciência não deve ser vista separadamente do mundo e das outras pessoas, como defendiam as filosofias clássicas. Em vez disso, elas mostram a consciência inserida no mundo, sendo observada pelos outros e, por meio dessa interação, adquirindo autoconhecimento.

Considerando esse aspecto, grande parte da fenomenologia e do existencialismo se dedica a explorar essa conexão entre o indivíduo, o mundo e os demais, destacando sua complexidade e aparente desordem. Diferente das filosofias clássicas, que recorriam a conceitos abstratos para explicar essa relação, essas correntes valorizam a experiência concreta. Dessa forma, o cinema, por sua vez, é um meio especialmente eficaz para demonstrar a interdependência entre mente e corpo, bem como entre o ser humano e o mundo, permitindo que um se expresse por meio do outro.

Levando em conto os aspectos teóricos-metodológicos de Merleau-Ponty, o filme desenvolve por meio da percepção, da corporeidade e da relação entre o sujeito e o mundo, portanto, o processo da autoconsciência da protagonista que compreender a sua função, destino e a essência de sua existência.

Os eventos desenvolvidos na trama são por meio da dança, do movimento do corpo que estão interligados com ações das dançarinas e das bruxas que constituem a companhia de dança. Nesse contexto, o filme remete aos aspectos mitológicos em que abordam a concepção das três mães, tais como: *Mater Suspiriorum*: A Mãe dos Suspiros, a mais velha das três irmãs. *Mater Lachrymarum*: A Mãe das Lágrimas, a mais bela das irmãs. *Mater Tenebrarum*: A Mãe das Trevas, a mais nova e cruel das irmãs.

A cena que a protagonista faz uma audição na companhia é composta por uma coreografia improvisada bem executada tecnicamente e também os movimentos transmitem uma natureza espontânea e impactante. Nessa cena, é perceptível o efeito dos movimentos do corpo para a construção de sentido do filme e a relação da protagonista com o mundo simbólico e mitológico desenvolvido.

Figura 1: Audição³



Posteriormente, a protagonista faz uma coreografia da dança Volk (Figura 2) para desempenhar o papel mais importante. Os movimentos coreografados são bruscos e bem executados e enquanto Susie dança, Olga a dançarina que enfrentou a escola e a acusou de bruxaria, é presa em uma sala repleta de espelho. Logo, conforme Susie faz os passos, Olga é desconfigurada fisicamente (Figura 3) e seu ossos começam se quebrar e músculos a torcer, portanto, ficando no final totalmente desconfigurada e praticamente morta.

Figura 2: A protagonista do Volk⁴



³ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9191074> <Acesso em 31 de março de 2025>

⁴ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9191775> <Acesso em 31 de março de 2025>

Figura 3: O sacrifício de Olga⁵



Considerando os pressupostos teóricos de Merleau-Ponty, configura-se que corpo não é apenas um objeto no mundo, mas aquele que percebe o mundo. O pesquisador (1999) introduz a noção de *corpo próprio* (*corps propre*), que é o corpo vivido, o corpo enquanto centro de ação, sensação e significação. Desse modo, por meio do corpo que habitamos o espaço e o tempo esse fato é visto na cena posterior (Figura 4).

Figura 4: Dança⁶



Nas próximas cenas, quando Susie adormece e tem um pesadelo (Figura 5) e ao despertar ela capta um processo de sua autoconsciência, compreendendo o significado e propósito de sua existência a qual será revelada no final do longa-metragem. Portanto, nesse momento, Susie é personagem dual e exercer uma função tanto de protagonista e antagonista que ultrapassa as questões maniqueístas de bem e mal.

Nesse sentido, conforme Merleau-Ponty (1999), designa-se que consciência não é transparente a si mesma, porque está sempre situada no mundo, envolvida em experiências corporais, temporais e

⁵ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9191855> <Acesso em 31 de março de 2025>

⁶ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9192459> <Acesso em 31 de março de 2025>

ambíguas. Dessa forma, o sujeito não pensa antes de existir no mundo, como o cogito sugere, pois a o indivíduo existe no mundo e, a partir disso, torna-se consciente.

Figura 5: Autoconsciência⁷



Em relação a dança Volk, a dançarinas elaboram uma coreografia com movimentos impactantes altamente sincronizado com vestimentas com a cores vermelha, preto e branco que produzem um efeito de sentido de experiência perceptiva, sensorial da própria existência de cada personagem que remete ao ritual que será desenvolvido no final do filme. (Figura 6)

Figura 6: Apresentação⁸



Para Merleau-Ponty (1999), o movimento não é uma soma de imagens estáticas, mas uma experiência contínua que só faz sentido para um corpo que o vive e o interpreta. No cinema, isso é radicalmente visível: os fotogramas individuais não têm o mesmo sentido que a imagem em movimento. O espectador não vê cortes ou quadros isolados, todavia, observa uma fluidez temporal.

Nesse contexto, esse fenômeno mostra que a percepção não é analítica e fragmentada, como queriam os empiristas, mas gestáltica e integrada, como a nova psicologia propõe. O cinema, portanto,

⁷ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9193955> <Acesso em 31 de março de 2025>

⁸ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9193827> <Acesso em 31 de março de 2025>

confirma essa tese fenomenológica: o mundo é percebido como um todo vívido, não como uma colagem de partes.

O desfecho do filme se configura com um ritual que enfoca entidade da Mãe *Suspiriorum* por meio de uma dança em que todas as participantes estão nuas, demonstrando vividamente a energia e corporeidade dos movimentos (Figura 7).

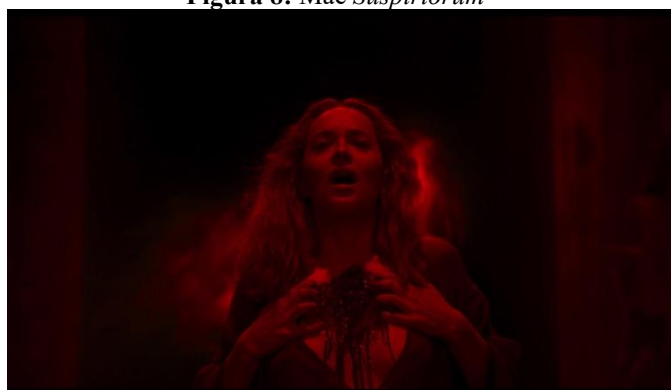
Figura 7: O ritual⁹



O longa-metragem apresenta uma reviravolta quando a Susie se revela como a própria Mãe *Suspiriorum*, portanto, transforma-se sua identidade dual em que sacrifica as pessoas ungidas por ela e liberta as outras personagens que haviam sido condenadas pelas responsáveis da companhia de dança (Figura 8).

Nesse contexto, Susie encontra o ápice de sua existência ao ter a autoconsciência de seu propósito em ser a Mãe *Supiriorim* que mitologicamente e os cultos pagãos que se baseiam na trindade feminina, sempre representada com um forte contraste entre seu lado maternal e seu lado monstruoso.

Figura 8: Mãe *Suspiriorum*¹⁰



⁹ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9194371><Acesso em 31 de março de 2025>

¹⁰ Disponível em: <https://fancaps.net/movies/Image.php?imageid=9194620><Acesso em 31 de março de 2025>

De modo geral, o filme transmite uma experiência perceptiva, pois conforme o Merleau-Ponty (1983), argumenta que a percepção está relacionada com a experiência encarnada em que o corpo está envolvido com a constituição do sentido. Dessa forma, o longa-metragem apresenta uma atmosfera por meio de cores vibrantes que remetem o sentimento vivenciados pelos personagens no momento assim como sons e movimento que enfatizam a sensação de peso e materialidade.

Seguindo os pressupostos de Merleau-Ponty, considera-se que o corpo é ponto central da experiência do sujeito com o mundo por meio disso “*Suspiria* (2018) explora esse conceito por meio dos movimentos dos corpos femininos são submetidos a rituais mitológicos e sobrenaturais, portanto, a dança não é vista apenas como uma expressão artística, mas como um modo de transformação da protagonista, sofrimento e poder.

Nessa direção, a fenomenologia da percepção sugere que angústia corporal é vivenciado pelos personagens em que são apresentados em diversas cenas de modo marcante, doloroso conotando a atmosfera de filme de horror psicológico.

Por fim, “*Suspiria* (2018)” é um filme que remete ao uma experiência sensorial e perceptiva que envolve o corpo, o movimento mediante a integração e desenvolvimento da identidade da protagonista que, ao final, do enredo faz questionar sobre os conceitos maniqueísta de bom e mal, pois há a desconstrução da entidade maléfica da própria Mãe *Suspiriorum* que considera uma entidade mais antiga do que o cristianismo, assim, ela é uma espécie de deusa dos suspiros dos aflitos, que compreende e rege as aflições humanas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo verificou as contribuições dos pressupostos teóricos e metodológico da fenomenologia da percepção proposta por Merleau-Ponty para o campo da psicologia, em especial as questões da psicopatologia cultural, noções de subjetividade e intersubjetividade, além de oferecer subsídios para compreender a literatura, cinema e arte.

A fenomenologia de Merleau-Ponty proporciona uma compreensão profunda da existência humana ao superar dicotomias tradicionais e enfatizar a relação entre corpo, percepção e mundo. Seu pensamento rejeita a separação rígida entre natureza e cultura, interior e exterior, subjetivo e objetivo, oferecendo uma abordagem mais integrada para a psicologia, a psicopatologia e a compreensão da experiência humana.

Dessa forma, ao reconhecer a ambiguidade da existência e a interdependência entre o homem e seu meio, Merleau-Ponty amplia as possibilidades de interpretação do comportamento humano e do adoecimento. Suas ideias influenciam não apenas a filosofia, mas também a psicologia e outras áreas

das ciências humanas, destacando a importância de considerar o contexto e a experiência vivida em qualquer análise sobre o ser humano.

A fenomenologia de Merleau-Ponty, ao invés de buscar explicações reducionistas, convida a um olhar mais atento e sensível à complexidade da existência. No campo da psicopatologia, essa abordagem possibilita compreender o sofrimento psíquico não apenas como uma condição isolada, mas como um fenômeno enraizado na relação entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Dessa maneira, seu pensamento permanece atual e relevante, permitindo novas interpretações e aplicações em diversas áreas do conhecimento.

Em relação ao campo da literatura e do cinema, Merleau-Ponty uma abordagem fenomenológica capaz de compreender a relação entre o eu ao mundo, considerando o corpo. Desse modo, nota-se esses recursos por meio da análise ensaística obra infantil “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” (Ringtved) e da análise do filme *Suspiria* (2018) dirigido pelo Luca Guadagnino.

ANEXOS

TEXTO - PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO

(Glena Ringtved e Charlotte Pardi)

Quatro crianças estavam sentadas em volta de uma mesa em uma cozinha pequena. Dois meninos e suas irmãs mais novas. Na ponta da mesa, estava uma figura assustadora, com uma capa preta. O rosto dela estava escondido pelo capuz, só aparecia um nariz pontudo.

Lá fora, ao lado da porta, estava a foice.

Era a Morte.

Ela respirava com dificuldades, soltando chiados. E ficava ainda mais assustadora por causa disso. Mas as crianças não estavam com medo. Elas só estavam muito tristes.

No andar de cima, a avó delas estava doente, de cama. Era ela a figura que tinha vindo buscar.

As crianças sabiam, e, por isso, mesmo tentavam ganhar tempo, já que também sabiam que a Morte só era amiga da Noite, e ela teria que voltar para o seu reino antes de o sol nascer.

“Talvez a gente consiga fazer ela perder a hora, daí ela vai ter que ir embora sem a vovó.” Foi o que as crianças pensaram.

E era por isso que estavam servindo café para a Morte. E toda vez que a Morte acabava uma xícara, o menino mais velho se aproximava com o bule.

- Mais um golinho, senhora? – ele perguntava, simpático.

A Morte aceitava, pois adorava café. E ela bebia seu cafezinho sempre forte e escuro como a noite.

E muito tempo passou desse jeito, até que a Morte finalmente ficou satisfeita e não quis mais café. Ela pôs a mão ossuda por cima da xícara, sinalizando que estava pronta para se levantar.

Mas bem nessa hora a menorzinha das meninas, que até ali só tinha ficado olhando, segurou a mão da Morte e disse, com seu tom de voz mais emocionado e triste:

- Dona Morte, por que a nossa vovó tem que morrer, se ela é uma pessoa que a gente mais ama no mundo?

Tem gente que diz que o coração da Morte é seco e preto como pedaço de carvão. Mas não é verdade.

Embaixo daquela capa, o coração dela é bem vermelho como o pôr do sol mais lindo do mundo, e o que faz ele é um amor imenso pela vida.

A Morte ficou ali sentada, olhando para o nada, porque também estava triste com aquela situação. E aí contou a seguinte história para as crianças.

Muito tempo atrás, tanto tempo que só eu consigo lembrar, existiam dois irmãos que moravam na mesma casa. Um se chamava Sofrimento e o outro, Desconsolo. E eram uma dupla bem sofrida mesmo. Eles eram a tristeza em pessoa, e arrastavam os pés para lá e para cá, todo santo dia.

Um dia mais desanimado que o outro. Um mais triste e fechado que o outro. Eles moravam em um vale que o sol nunca iluminava. O vale era cercado por montanhas.

Mas no alto de uma dessas montanhas moravam duas irmãs. Uma se chamava Alegria, e a outra, Risada. E vocês podem acreditar que elas eram o exato oposto dos irmãos. E podem acreditar que cada dia da vida das duas irmãs era um dia de sol e felicidade. Era mesmo, mas, ainda assim, as duas sentiam falta de alguma coisa. Elas não sabiam direito o que era. Por causa disso, não conseguiam aproveitar toda aquela sorte que tinham.

Como vocês devem ter adivinhado, nem preciso dizer que um dia as duas irmãs encontraram os dois irmãos. O Sofrimento e a Alegria se apaixonaram, e a mesma coisa aconteceu com o Desconsolo e a Risada. Eles logo descobriam que um não podia ficar sem o outro. O casamento duplo foi uma festa bem grande e logo depois cada casal foi para a sua casa.

As casas, claro, ficavam no meio do caminho para o topo da montanha, assim, ninguém ficava muito longe da família. De vez em quando eles desciam para visitar os pais do Sofrimento e do Desconsolo, e outras vezes subiam para ver a mãe e o pai da Alegria e da Risada.

Os quatro viveram até ficar bem velhinhos. Quando o Desconsolo morreu, a Risada morreu no mesmo dia. E a mesmíssima coisa aconteceu com a Alegria e o Sofrimento. Foram tão felizes juntos que não podiam viver sem outro.

A Morte, com seus olhos fundos, encarou a menina mais nova. E fez uma careta, que na verdade era um sorriso acolhedor.

- É a mesma coisa com a vida e a morte – ela disse. – Que valor gente daria à vida se não existisse a morte? Quem ficaria feliz com o sol, se nunca chovesse? E será que alguém ia querer tanto a luz do dia, se a noite não viesse de vez em quando?

As quatro crianças se olharam, angustiadas. Talvez elas não tivessem entendido a história do mesmo jeito que a Morte, mas sabiam que ela estava certa.

A Morte se levantou, passou a mão na cabeça da menina mais velha, saiu da cozinha com passos pesados e foi até a escada. O menino mais novo olhou pela janela. Ele viu que o sol estava quase nascendo, e pensou que ainda podia impedir a Morte.

Mas o irmão mais velho não deixou.

- Não – ele disse. - A gente não pode interferir nos caminhos da vida.

Logo depois eles ouviram uma janela abrir no andar de cima, e aí a voz da Morte, lá no quarto da avó:

- Voa, alma- ela disse.

Quando as crianças subiram até o quarto, a avó estava morta. A janela continuava aberta e as cortinhas brancas balançavam com o vento. A Morte estava parada ao pé da cama. Ela olhou para as crianças e disse:

- Pode chorar, coração, mas fique inteiro.

Então desceu a escada e desapareceu.

O sofrimento das crianças foi grande, mas elas não esqueceram as palavras da Morte, que sempre foram um consolo.

E cada vez que abriam a janela, pensavam na avó. E deixavam o vento vir fazer carinho em seus rostos. Porque assim sentiam que ela ainda está ali.

REFERÊNCIAS

CREMASCO, Maria Virginia Filomena. Algumas contribuições de Merleau-Ponty para a Psicologia em “Fenomenologia da percepção”. Revista da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1-10, jun. 2009. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n1/v15n1a08.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tópicos). Disponível em: https://monoskop.org/images/0/07/Merleau_Ponty_Maurice_Fenomenologia_da_percep%C3%A7%C3%A3o_1999.pdf. Acesso em: 24 mar. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O cinema e a nova psicologia. In: XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

RINGTVED, Glenn; PARDI, Charlotte. Pode chorar, coração, mas fique inteiro. Tradução de Caio Werner Galindo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

SANTOS, K. B. Merleau-Ponty e a psicologia: considerações sobre a intersubjetividade. Fenomenologia & Psicologia, São Luís, v. 2, n. 1, p. 4-18, 2014. Disponível em: [file:///Users/deboramatosalauk/Downloads/2141-Texto%20do%20artigo-13068-1-10-20151221%20\(1\).pdf](file:///Users/deboramatosalauk/Downloads/2141-Texto%20do%20artigo-13068-1-10-20151221%20(1).pdf). Acesso em: 24 mar. 2025.

TELLES, T. C. B.; MOREIRA, V. A lente da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 30, n. 2, p. 205-212, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/wBVvQZkVTmJ5vTvjSHrx5mL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2025.